

A Escada Vermelha: A “guinada socialista” de Oswald de Andrade na “Trilogia do Exílio”

The Red Ladder: Oswald de Andrade's "Socialist Turn" in the "Trilogy of Exile"

Rafael Ademir Oliveira de Andrade¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é realizar uma análise da orientação política de Oswald de Andrade, retratada no romance “A Escada Vermelha”, no que chamamos de uma “guinada à esquerda”, ocorrida durante a crise de 1929 e o contato com Carlos Prestes, Pagu e sua entrada no partido comunista brasileiro. Este romance, que faz parte da trilogia do exílio, se destaca dos demais por não debater questões essencialmente existenciais, urbanas ou dos artistas, mas por apontar as contradições das ideologias burguesas e socialistas e suas implicações nas reflexões existenciais e posicionamentos sociais do herói, o que fala diretamente sobre as posições adotadas pelo autor neste momento de sua trajetória. Além deste posicionamento é realizada neste artigo uma apresentação das teorias que nos permitem pensar ligações entre sociologia e arte, romance e sociedade e outras conexões. A metodologia parte de uma análise do conteúdo da obra, destacando uma reconstrução da narrativa com pontuações específicas, sendo realizadas 49 pontuações na trilogia que foram analisadas na escrita deste artigo. Nossas conclusões apontam que há sim uma comunicação entre realidade e ficção presente neste romance e que o intuito deste trabalho foi de destacar, dentro dos limites teóricos e metodológicos do autor, estas interconexões.

Palavras-chave: Sociologia da literatura; Modernismo; Oswald de Andrade.

Abstract: The objective of this work is to perform an analysis of the political orientation of Oswald de Andrade, portrayed in the novel "The Red Ladder", in what we call a "left turn" that occurred during the crisis of 1929 and the contact with Carlos Prestes, Pagu and his entry into the Brazilian Communist Party. This novel, which is part of the exile trilogy, stands out from the others for not debating essentially existential, urban or artist issues, but rather from pointing out the contradictions of bourgeois and socialist ideologies and their implications for the existential reflections and social positions of the hero. Which speaks directly about the positions adopted by the author at this time in his trajectory. In addition to this positioning is carried out in this article a presentation of theories that allow us to think links between sociology and art, romance and society and other connections. The methodology starts from an analysis of the content of the work highlighting a reconstruction of the narrative with specific punctuations, being carried out 49 scores in the trilogy that were analyzed in the writing of this article. Our conclusions point out that there is a communication between reality and fiction present in this novel and that the purpose of this work was to highlight, within the theoretical and methodological limits of the author, these interconnections.

Keywords: Sociology of literature; Modernism; Oswald de Andrade.

Introdução

Oswald de Andrade não só participou como foi um dos líderes de um dos movimentos considerados primordiais para a compreensão da sociedade brasileira. O movimento modernista contou com intelectuais e artistas como Mário de Andrade,

¹ Sociólogo e Mestre em Educação (UNIR). Professor no Centro Universitário São Lucas (UNISL). E-mail: profrafaelsocio@gmail.com.

Tarsila do Amaral, Menotti Del Picchia, Anita Malfatti e outros, mas poucos foram engajados como Oswald, que atuou em diversas frentes de debates com estruturas sociais que eram necessárias serem revistas. As reivindicações do movimento modernista, assim como de Oswald, logo romperiam a barreira do artístico para atingir as fundamentações culturais, políticas e econômicas da sociedade brasileira.

Neste artigo pretende-se realizar uma análise de um momento específico da trajetória produtiva e existencial do autor quando, a partir da crise de 1929, a perspectiva de Oswald de Andrade sobre o capital e suas formas de produção se alteram profundamente e se potencializam no contato com agentes do Partido Comunista no Brasil e na América Latina. Assim, baseando-se nas análises de uma “Sociologia da Arte”, pretende-se relacionar a complexidade presente entre produção literária, sociedade e movimentos econômicos que os autores perpassam em suas obras, com discussão sobre a relação literatura e sociedade, da biografia do autor e da presença desta “mudança política” nos romances que compõem a trilogia do exílio, especialmente “A Escada Vermelha”.

A metodologia utilizada será a análise do conteúdo dos romances que compõem “A Trilogia do Exílio”, em especial do romance “A Escada Vermelha”, enquanto representação enquadrada na biografia do autor, também apresentada neste artigo, de uma “guinada à esquerda” do autor e da revisão de muitos posicionamentos sociais do mesmo, entre eles os presentes nos outros artigos da “Trilogia do Exílio”. Foram destacados 49 pontos de análise que estabelecem uma conexão entre o romance e a biografia do autor, presente em resumo neste artigo para melhor compreensão do leitor.

Sociologia e Literatura: comunicações possíveis

O arcabouço de obras aqui estudadas e que relacionam sociologia e literatura parte da fundamentação de uma relação entre as obras, ou grandes obras literárias, de uma determinada época e a consciência coletiva do grupo social no qual elas foram concebidas. Esta relação é bem explorada por Octávio Ianni no artigo Sociologia e Literatura (IANNI, 2002). Segundo o autor, existe certa confluência entre arte e ciência,

pois tanto arte quanto ciência possuem seu compromisso com a construção ou representação de uma dada realidade.

Literatura e sociologia são diferentes, mas em muitos aspectos se aproximam, como na criação de tipos e tipologias, tipos ideais e representantes de classes sociais, que podem ser classificados frequentemente como tipos medianos, tipos extremos e tipos ideais, que são criados com o objetivo de conceituar elementos de uma identidade nacional. Ao aplicar esta afirmação a um estudo da literatura brasileira, Ianni afirma que uma das interpretações sobre o Brasil trata da “visão do Brasil, de sua história, como uma constelação de tipos, com alguns dos quais se constroem tipologias, sendo que, em alguns casos, desdobram-se em mitos e mitologias” (IANNI, 2002, p. 178).

Na criação, e falamos tanto da literatura quanto da produção sociológica, não se trabalha com a imaginação puramente como construção desta realidade, mas vinculamos a esta criação aspectos sociais que levam o artista ou o cientista até tal resultado. Os traços sociais, convergências de valores e ações apresentadas na obra literária revelam o clima cultural em que a mesma é concebida, assim como aspectos da história, como pretendemos dialogar neste artigo com relação ao impacto da crise de 29 no contexto produtivo de Oswald de Andrade.

Os mesmos dilemas enfrentados por escritores, cientistas, gestores, trabalhadores do “chão de fábrica”, enfim, por certos agentes sociais, em sua vida pública e privada, podem ser apresentadas na literatura assim como na ciência ou nos espaços de trabalho. Assim, existem personagens, grupos e classes retratados na ficção cujas vidas tornam-se representativas da situação histórica que as determinam e representados a partir de um conjunto de crenças apresentados pelo autor, a trama social aparece nitidamente e é julgada, formando um caráter social destes personagens, grupos e classes sociais.

No romance, o herói e o “mundo” devem estar em constante conflito, ambos se encontram degradados em relação a estes valores autênticos e o conflito existente ocorre da diferença das degradações. O herói é um personagem problemático em conflito com o mundo, em desacordo com um mundo de conformismo e passividade geral, é o constituinte do que se chama romance, criação da sociedade individualista, cuja vida econômica, considerada a mais importante na vida moderna, tende a diminuir

o valor qualitativo dos objetos e dos seres dando ênfase para uma relação de troca puramente quantitativa.

Na trilogia de romances de Oswald, percebe-se que os heróis presentes na mesma estão em desacordo com o mundo em duas vertentes: primeiro enquanto “apaixonados não correspondidos” e em “A Escada Vermelha” se posicionam enquanto críticos do mundo social; podemos atribuir esta mudança ao próprio cenário em que escreve Oswald de Andrade, um mundo abalado pela crise de 1929.

Esta relação entre herói e mundo é fundamentada pela teoria de Lukács (2000), que a partir desta interpretação compreende três tipos de romance no século XIX: o “romance do idealismo abstrato”, caracterizado pela relação do herói e de sua consciência estreita em relação à complexidade do mundo, o romance psicológico, que é orientado para análise de aspectos interiores do personagem que mantém uma atitude passiva frente ao mundo; e, por fim, o romance educativo, em que o herói opta pela auto-limitação, mas não abandona o confronto com os valores do mundo.

O romance pode ser compreendido como a obra literária que tem como característica um herói problemático que na narrativa está em busca de valores autênticos, em um mundo degradado. Fábio Lucas (1970), em sua obra “O Caráter Social da Literatura Brasileira”, confirma esta questão ao afirmar que não apenas o romance possui personagens e valores que discordem da visão do mundo. Segundo o autor “O ficcionista social, do nosso ponto de vista, será aquele capaz de representar nos seus tipos e heróis a perda da unidade do homem, isto é, fixar aquele ser a que roubaram horizontes, mas que aspira a ser íntegro numa sociedade que o mutila” (LUCAS, 1970, p. 52).

O romance sempre corresponderá a uma estrutura mental compartilhada por participantes deste ou daquele campo social em um certo momento histórico. Não sendo impossível, mas muito difícil, a representação desta mentalidade por indivíduos com poucas relações com o grupo. Visto que um indivíduo completamente isolado das relações sociais não seria capaz de gerar relações que correspondessem a uma visão de mundo, Goldmann acerta a questão afirmando que “semelhante estrutura só poderia ser elaborada, por um grupo, podendo o indivíduo imprimir-lhe apenas um grau de coerência muito elevado a transpô-la para o plano da criação imaginária, do pensamento conceptual, etc.” (GOLDMANN, 1967, p. 19).

Ordinariamente, a literatura romanesca é uma forma de produção cultural que representará a consciência coletiva de uma determinada classe social, ou como afirma a teoria marxista, a expressão cultural e artística não poderia se dar a não ser por intermédio da consciência de classe (GOLDMANN, 1967, p. 20).

Os teóricos com que tivemos contato nesta pesquisa admitem a influência do contexto social nas produções artísticas e literárias. Entretanto, acrescentando, nesta fundamentação, os fatores econômicos e as relações entre as classes sociais. Esta afirmação recebe críticas que afirmam que ligar as obras literárias ao materialismo dialético seria os valores das mesmas a contingências econômicas e sociais (GOLDMANN, 1979, p. 71).

Trajatória de Oswald de Andrade: Além do modernista

Nesta seção do artigo será apresentada a trajetória de Oswald de Andrade com vistas a compreender a posição social do mesmo dentro das produções e dos eventos sociais, partindo do espaço de produção do romance como forma de compreensão de suas estruturas internas.

A vida de Oswald foi marcada por muitos envolvimento sentimentais, o que refletiria diretamente em suas obras. Seu filho Rudá afirma em uma carta: “Creio que a obra de Oswald de Andrade não pode ser estudada desvinculada de sua vida” (SCHWARTZ, 1988, p. 15). Aos vinte e dois anos de idade, embarca para a Europa e nesta viagem se encanta por Landa Kosbach, uma criança de onze anos. Volta de Paris acompanhado de Kamiá, dessa relação nasce o primeiro filho de Oswald, Nonê. Na época do nascimento de Nonê, Landa Kosbach volta da Europa, inspirando suas primeiras peças de teatro.

Landa marcou profundamente o autor, tendo sua imagem, juntamente com a de outras paixões, descritas na Trilogia do Exílio. Quando jovem, a Landa é Vitória Agonia, menina de treze anos que exerceu grande fascínio sobre o personagem Jorge d’Alvelos, que “Isolado de novo (...) começou a sentir a perturbação do contato virginal e selvático da menina da ilha” e ela tinha “treze anos de animal livre” (ANDRADE, 2003, p. 325-326). Aos dezesseis anos, Landa pode ser associada à Mary Beatriz, que volta de Europa e morre em São Paulo.

Em 1917, conhece o escritor Mário de Andrade, o pintor Di Cavacalnti, Guilherme de Almeida e Ribeiro Couto, junto com eles, Oswald forma o primeiro grupo modernista. Aluga uma garçonnière junto com amigos e escrevem o “Diário da Garçonnière”, diário coletivo das experiências da residência que também foi chamado de “O perfeito cozinheiro das Almas deste mundo”. Dois anos depois, casa-se in extremis com Daisy, hospitalizada devido a um aborto malsucedido.

Daisy se assemelha à personagem Alma. Em 1920, conhece o escultor Victor Brecheret e encomenda-lhe um busto de Daisy (Miss Cyclone). Publica em 1921, no Correio Paulistano, trechos inéditos de A trilogia do exílio II e III. Neste mesmo ano, procurando adesões ao movimento modernista, viaja com outros escritores ao Rio de Janeiro, onde mantém contato com Ribeiro Couto, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira e Sérgio Buarque de Holanda. Ainda nesta cidade, realiza leitura inédita de trechos de Os Condenados, até então como era chamado o primeiro volume de “A Trilogia do Exílio”.

Aos 32 anos, Oswald é idealizador e participante ativo da Semana de Arte Moderna, realizada de 13 a 17 de fevereiro no Teatro Municipal de São Paulo, onde lê fragmentos inéditos de Os Condenados e A Estrela de Absinto, volumes I e II de A Trilogia do Exílio. No quinto volume da revista Klaxon, divulga uma passagem inédita de A Estrela de Absinto e, ainda neste ano, publica Os Condenados (o primeiro romance da trilogia, que passou a se chamar Alma), com capa de Anita Malfatti, pela casa editorial de Monteiro Lobato.

Em 1923, já instalado em Paris, envia artigos sobre o ambiente intelectual para o Correio Paulistano e mantém contato com a vanguarda francesa. Nos dois anos seguintes, são constantes as viagens de retorno ao Brasil e Europa, mantendo contatos e militando pelo movimento modernista. No dia 15 de outubro de 1925, divulga em carta aberta sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, mas não chegou a oficializar sua inscrição.

No auge do movimento modernista Oswald se vincula à Tarsila do Amaral, com quem se casa em 1926. Juntos formaram, na literatura e na pintura, o Movimento Antropófago. Em 1927, publica A Estrela de Absinto, segundo volume de A trilogia do Exílio, com capa de Victor Brecheret, pela Editorial Hélios. Recebe menção honrosa pelo romance A Estrela de Absinto no concurso promovido pela Academia Brasileira de

Letras. Em 1928, realiza a leitura do manifesto antropofágico e, junto com Raul Bopp e Antonio de Alcântara Machado, lança a Revista de Antropofagia, primeira “dentição” neste ano e a segunda “dentição” em 1929.

Neste ano, rompe com os amigos Mario de Andrade, Paulo Prado e Antonio de Alcântara Machado. Com a crise internacional de 1929, Oswald sofre um abalo financeiro. No início da década de 1930, separa-se de Tarsila e filia-se ao Partido Comunista, onde conhece Patrícia Galvão, conhecida como Pagu. Na peça “A escada”, ressurgiu Pagu como a personagem A Mongol. Esta personagem vem mostrar ao herói do romance o verdadeiro sentido para as paixões: “O amor não era mais para ele uma divagação de desocupado, um divertimento de classe” (ANDRADE, 2003, p.348).

Em 1931, conhece o ex-líder tenentista Luis Carlos Prestes em Montevideu. Adere ao comunismo, fato que marcaria profundamente suas obras. Publica com Pagu e Queirós Lima, o jornal O homem do povo. Em 1934, publica A escada vermelha, terceiro volume de A trilogia do Exílio, cujo título original era A Escada de Jacó e depois A Escada. É exatamente essa obra que se pretende analisar neste artigo em relação a este contexto de produção.

Em 1941, relança o volume “Os Condenados”, agora dividido em três partes: Alma, A estrela de Absinto e A escada. Em 1944 conhece Maria Antonieta d’Alkmin, com quem terá mais dois filhos, Antonieta Marília e Paulo Marcos. Em 1945, anuncia o nome de Prestes como candidato à presidência.

Neste ano, discorda da linha política de Prestes e rompe com o Partido Comunista do Brasil. Em 1950, candidata-se a deputado federal pelo Partido Republicano Trabalhista com o lema “Pão-teto-roupa-saúde-instrução-liberdade”. Oswald permanece produzindo artigos, discursos, romances. Milita ativamente pelo movimento modernista. Viaja constantemente e se interna regularmente devido a sua doença. A 22 de outubro de 1954, Oswald de Andrade morre com 64 anos.

Vivendo parte do conturbado século XX, o escritor foi contemporâneo de grandes transformações. Oswald viveu numa São Paulo escravocrata, ainda iniciando seu processo de industrialização. As novas tecnologias que surgiam no seio da cidade foram responsáveis por aguçar a percepção de Oswald. Possuía “o desejo de atualizar as letras nacionais – apesar de para tanto ser preciso importar ideias nascidas em

centros culturais mais avançados – não implicava uma renegação do sentimento brasileiro” (COUTINHO, 1986, p. 04).

Os Condenados ou “A Trilogia do Exílio”: Percebendo Oswald

A Trilogia do Exílio foi considerada por Sebastião Cardoso (2007) como uma obra de transição, que inaugurou certos procedimentos que seriam aprimorados em outros romances do escritor. Segundo Sebastião Marques Cardoso, a crítica jornalística da época de sua publicação apontou na trilogia de Oswald de Andrade três características fundamentais: “a) O uso da técnica cinematográfica, b) a frase curta, condensada, poética como estilo, c) a verossimilhança dos personagens.” (CARDOSO, 2007, p. 08).

Sobre a técnica cinematográfica, Cardoso afirma que a crítica viu na Trilogia uma inovação sobre este aspecto. Apesar de a mesma ser utilizada por outros escritores, Oswald se destacou dos demais por procurar estabelecer em suas cenas, o “comportamento essencial da cultura do homem. Em outras palavras, a cinematografia, na pena de Oswald, mostra o que o indivíduo da cultura popular tem em seu interior, de autêntico, contraditório, aquilo que o anima” (CARDOSO, 2007, p. 30). E para retratar o passado em uma estética cinematográfica, Oswald se arma da linguagem poética. Através desta, o “no presente, o passado brota com uma força avassaladora” (CARDOSO, 2007, p. 32).

Por meio desta característica dos personagens, o cotidiano da vida é capaz de exprimir o Brasil contemporâneo, a urbanização crescente e movimentada em oposição à vida pacata e inerte do campo. Os personagens com características extremamente comuns (em contradição com os complexos personagens dos romances em geral) podem apresentar uma preocupação estilística do autor em representar o real, representar a movimentação histórica, social, política e cultural da época.

Segundo o crítico Alfredo Bosi, a prosa de Os Condenados se encontra no limite inferior das obras de Oswald. Embora tenham sido compostas após em quinze anos de experiência, são ditos como livros que respondem a uma forma romanesca antiquada. “São novelas meio mundanas, meio psicológicas, à D’Annunzio, onde há sempre um artista atribulado pelas exigências da sua personalidade libidinosa e genial” (BOSI,

1994, p. 357). Pretende-se agora realizar uma análise das obras evidenciando a mudança da perspectiva do autor sobre o cenário social presente nestes romances e sua complexidade frente à tomada de decisão política do mesmo.

No romance “Alma”, primeiro da Trilogia do Exílio, as preocupações expressas pelo narrador estão no fórum da intimidade, das relações sexuais e do amor não correspondido. Uma das personagens, Alma, demonstra grande atração por Mauro toda vez que se encontra com ele. A influência dele sobre Alma se apresenta mesmo a distancia. Alma corre para Mauro, foge de relacionamentos emocional e economicamente estáveis. Já João, que encarna o próprio Oswald, grita desesperadamente por Alma preferir “um rude” ao sensível João do Carmo.

O próprio João do Carmo representa uma intenção de vida do lumpen proletariado, aquele indivíduo sem consciência de classe e alheio às questões da desigualdade ou dos conflitos de classe. Seu maior sonho era a “vida comum ao lado de Alma”, ter um emprego fixo, uma família e estabilidade pela vida, ao passo que Alma foge com Mauro, o homem infiel que a agredia. Ao mesmo tempo João do Carmo é migrante nordestino, o que representa a presença da indústria em seu desenvolvimento, o que atraiu dezenas de migrantes para São Paulo.

Quando Alma é prostituída por Mauro, surge a primeira crítica social que Oswald faz às devoções burguesas “Era um caso raro: uma menina de família brasileira, educada para as devoções burguesas dos lares obscuros” (ANDRADE, 2003), o que quer dizer que Alma mesmo prostituída demonstrava os valores da classe proletária de São Paulo, submissa aos interesses de uma elite que poderia pagar por seus serviços, quaisquer que sejam. O romance passa a falar sobre a gravidez, aborto, nova gravidez e nascimento de Luquinhas, em homenagem ao avô de Alma, que morreu sonhando com o Amazonas, local de onde veio para São Paulo.

Mesmo citando a crise da produção cafeeira que se inicia no começo da segunda década do século XX, o pano de fundo que encerra o primeiro romance é Alma se casar com João do Carmo que, ao ser traído por Alma, se mata, nunca mais voltando de um passeio que foi realizar. Este primeiro romance é marcado pelas crises amorosas que, como vimos, o próprio Oswald viveu e permanece nesta orientação do começo ao fim, com nuances importantes que dissertam sobre migração, industrialização e valores burgueses, o que dá o tônus social do trabalho.

No segundo romance, “A Estrela de Absinto” a orientação parte da crítica ao campo artístico brasileiro como um dos diálogos realizados por Oswald que orienta as suas práticas modernistas. Jorge é artista, mas plástico, e é uma representação de Oswald, pois volta da Europa artista ignorado (ANDRADE, 2003).

Jorge D’Alvelos conhece Alma, ambos são migrantes do Amazonas. Oswald representa a Amazônia como uma rede, um cacau, as folhas caídas e ronda das onças, marcando o olhar que coloca a Amazônia como um espaço ainda selvagem e representa o Brasil enquanto a cidade branca de fortaleza, o Rio de Janeiro entre montanhas e o bonde elétrico de São Paulo. A descrição dos santos, festas, comidas e caminhos do povo brasileiro demonstra a natureza regional e nacionalista de Oswald, construindo uma arte nacional e moderna enquanto proposta político-cultural.

Neste segundo romance estão presentes duas características biográficas de Oswald, a intenção de modernizar a arte brasileira ao passo que se reconheçam os autores que aqui produzem (nesta perspectiva). O autor cria uma pulsação artística na cidade de São Paulo e coloca o carnaval como tentativa de libertação estética de um povo dominado por olhos inteligentes e sorrisos alvos (ANDRADE, 2003). No meio desta descrição, Jorge D’Alvelos é traído por Alma com o jovem Arthur e com a morte de Alma ele parte para o campo.

No romance “A Escada Vermelha” – que após o desprendimento de Oswald com o partido comunista passa a se chamar “A Escada” –, quando volta para São Paulo após uma estadia no campo, Jorge percebe outras questões que antes, como simples artista, não conseguia. O romance, escrito entre 1931 e 1950, período em que Oswald esteve filiado ao partido comunista, representa as percepções do autor agora pautadas na agenda do partido. A própria ida do herói do romance ao campo e sua volta posterior representam um processo formativo de ligação direta com as classes produtoras.

Passa a compreender que a cidade de São Paulo é espaço de escravidão do homem pelo homem onde o “deus capital” é adorado e “identifica-o de repente nas colheitas do tostão miserável das massas em que os exércitos de salvação propagavam, com bombos e cânticos, a opressão voraz dos imperialismos” (ANDRADE, 2003, p. 126). A própria reflexão sobre o destino de Alma repousa na análise do materialismo histórico: estaria no paraíso ou muda como um túmulo? A

mudança ideológica do autor impacta diretamente sobre o herói: de sonhador e artista despreocupado Jorge D'Alvelos passa a ser um crítico da ideologia burguesa.

Buscando se afastar dessa sociedade, Jorge passa a morar de aluguel em um cômodo de fazenda e se envolve com a cunhada de 15 anos do fazendeiro e também flerta com a esposa do mesmo. Indo ao Rio de Janeiro a trabalho, Jorge se relaciona com Nora e reflete sobre a paixão e o casamento burguês: há uma crítica ferrenha aos valores da burguesia. O ápice da negação do capital está quando Jorge realiza um trabalho e não é remunerado, agredindo seu contratante e tendo que fugir para Santos escondido: a queixa crime contra ele fora potencializada pela mídia burguesa, nos jornais vendidos à classe rica. Ficou recolhido na ilha verde neste período, ficando na casa de um pescador.

Na ilha verde, isolado da sociedade Jorge percebe que a cidade humana é horrível e cheia de mesquinhas contensões, suplícios, raivas e glórias anãs, não compreendendo mais a elegância da burguesia representada em Nora. Esta passagem do romance remete ao abandono de Oswald aos modos e costumes da classe burguesa, em relação à qual agora se posiciona contra, e afirma ainda: a ética, a caridade humana, as afirmações de códigos de ética apresentam as atitudes mais cínicas da exploração burguesa cuja população se encontra submetida à exploração dos senhores capitalistas.

Voltando a São Paulo em meio a turbilhões, Jorge se envolve em uma discussão: é chamado de burguês lancinante e se identifica subitamente (ANDRADE, 2003), Oswald pertencia à classe burguesa e se envolveu com o comunismo: Jorge é Oswald em muitos aspectos. Ao leitor atento do romance e conhecedor da biografia do modernista, não há mais dúvidas de que ele e o personagem se mesclam fortemente: Nas reflexões de Jorge: “Como era melhor dar tudo à ideologia. Sacrificar conscientemente o que seria de fato o amor. Pela revolução” (ANDRADE, 2003, p. 140).

Jorge acredita ter encontrado o verdadeiro amor na dedicação à revolução proletária ou quem sabe à ativista política mongol. Há uma relação desta dúvida com o envolvimento do autor com Pagu. Por fim, Alma fora uma vítima sangrenta do capitalismo e a mongol tinha razão! Assim como Pagu fora sua companheira nas práticas revolucionárias, Oswald deu a Jorge uma revolucionária que lhe incitou a paixão pela revolução, a mongol.

Oswald ainda dialoga com o materialismo histórico ao posicionar-se contra a moralidade cristã que coloca os pobres na esperança de sair de uma “torrente monstruosa” do qual nunca são liberados, por causa da própria força das estruturas sociais. Ao misturar a ideologia burguesa – amplamente apoiada na lógica judaico-cristã – e os desejos revolucionários Oswald (2003) mistura a noção de paraíso: o mesmo pode ser o “céu cristão” quanto o fim da sociedade capitalista e esse se torna o desejo de Jorge D’Alvelos.

Continuando o romance, e o turbilhão da vontade revolucionária do autor, Jorge D’Alvelos conclui que foi o capital que matara Alma (ANDRADE, 2003, p. 181) e é quando a mongol aparece e pergunta se ele quer lutar, não uma luta imaginária no setor das artes (de desabafos imaginários), mas uma luta contra a sociedade capitalista e Jorge passa a viajar com a mongol deixando por onde passavam “manifestos vermelhos”. Nessa passagem temos mais uma possibilidade de analisar a influência mútua de Carlos Prestes, Pagu e do socialismo na escrita de Oswald de Andrade, que sempre foi uma obra essencialmente biográfica (SCHWARTZ, 1988).

No sentimento de Oswald representado quase biograficamente em Jorge D’Alvelos podemos perceber o despertar de uma consciência de classe – e do conflito – que se potencializa com o desenvolvimento das grandes cidades e que no autor/personagem entram em conflito com o espírito burguês em que foram desenvolvidos para a arte, uma arte essencialmente burguesa:

Que fora afinal a sua vida senão o reflexo erótico e religioso de uma classe média de cidade industrial, nas flutuações do pós-guerra? O exílio anarcoíde e a psicose deísta depois da carnificina mundial do ano 14. Acuado no plano estético, ele fora apenas um pequeno burguês libertado e dramatizado nas malhas angustias do país feudal (ANDRADE, 2003, p. 225)

O feudalismo apontado nesta parte do romance fala essencialmente sobre um fragmento do tecido social que Oswald criticava, agora em duas frentes: uma arte pautada no feudalismo/coronelismo/localismos e que não falava sobre “o Brasil moderno” e o desenvolvimento industrial do Brasil que era exponencial, as contradições e os conflitos de classe.

Conclusão: A fala autobiográfica de Oswald em “A Escada Vermelha”

O intuito deste artigo é demonstrar uma relação entre ficção e realidade e propor uma possível análise do romance “A Escada Vermelha” enquanto manifestação da orientação de esquerda assumida por Oswald de Andrade no período que se dá entre a quebra da bolsa de 1929, do contato com Carlos Prestes, do romance com Pagu, das escritas e viagens militantes até o momento em que se desvincula do partido comunista brasileiro. A mudança é tão forte que, em uma revisão da obra, Oswald modifica o nome para “A Escada”.

O destaque e a contribuição deste trabalho para um vasto arcabouço é potencializar a discussão sociológica sobre a literatura no que tange à construção de uma análise do tecido social tanto por sociólogos quanto por artistas, que nos fala sobre a possibilidade de um diálogo na análise de certa estrutura social.

Antonio Candido (1985) nos afirma que uma das possibilidades de análise de uma obra literária é justamente pela análise da trajetória social do autor e no caso de Oswald se torna um trabalho mais fácil, segundo o professor Sergio Millet no estudo presente na versão do romance analisado para este artigo (MILLET, 2003), “Os condenados” é praticamente uma autobiografia de Oswald se estabelecermos conexões tais quais realizamos na escrita deste artigo.

Assim, se a trilogia do exílio fala sobre Oswald, A Escada fala justamente desta conversão ao socialismo a partir dos contatos que já explicitamos nesta conclusão. Mas aqui encontramos a contradição fundamental que será a base da reflexão final de Oswald em seu romance: Assim como Jorge D’Alvelos, Oswald nunca fora um proletário, tendo nascido sobre a égide de uma arte burguesa e se desenvolvido enquanto intelectual nesta premissa de ação, mesmo assim, encontra na consciência socialista uma possibilidade de transformação do mundo, “nunca mais sendo um estrangeiro entre os condenados sociais e oprimidos do capital” (ANDRADE, 2003, p. 249).

Com personagens confusos e contraditórios somos acompanhados por toda a leitura deste romance, o que fala muito sobre nosso modernista, sobre esta página fundamental da literatura e da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. *A trilogia do Exílio: I. Alma (1922) – II. A Estrela do Absinto (1927) – III. A Escada Vermelha (1934) / Oswald de Andrade.* – São Paulo: Globo, 2003. – (Obras Completas de Oswald de Andrade).
- _____. *Do Pau Brasil à Antropofagia e às Utopias.* 2. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1970. (Obras Completas)
- _____. *Marco Zero I: A Revolução Melancólica.* São Paulo: Globo, 1991. (Obras Completas)
- _____. *Memórias Sentimentais de João Miramar.* 5. ed. São Paulo, 1990.
- BOSI, Alfredo. *Historia Concisa da Literatura Brasileira.* 41. ed. São Paulo, Cultrix, 1994.
- BOTELHO, Maria Izabel Vieira. Literatura e Sociedade: Uma abordagem sociológica de obras literárias Românticas. *Revista Gláuks*, v. 5, n. 2, 2005, p. 15-26.
- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária.* 7. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1985.
- CANDIDO, Antônio; ROSENFELD Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de Ficção.* Editora Perspectiva, São Paulo, 1992.
- CARDOSO, Sebastião Marques. *De Personagens e Anti Heróis: Um estudo sobre a trilogia do Exílio de Oswald de Andrade.* Campinas: UNICAMP, 2007.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil.* 3. ed. Niterói: UFF – Universidade Federal Fluminense, 1986.
- GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. *Dialética e Cultura.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- IANNI, Octávio. Tipos e Mitos do Pensamento Brasileiro. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 176-187, jan./jun. 2002.
- LUCAS, Fábio. *O Caráter Social de Literatura Brasileira.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- LUKÁCS, George. *A teoria do romance.* São Paulo: Editora 34, 2000.
- RODRIGUES, Alves Medina. *Antologia da Literatura Brasileira: textos comentados.* Volume II O Modernismo. São Paulo: Marco, 1979.
- SCHWARTZ, Jorge. *Literatura Comentada: Oswald de Andrade - Seleção de textos, notas, estudos biográficos, histórico e crítico por Jorge Schwartz.* – 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- SERGE, Victor. *Literatura e Revolução.* Tradução Paulo Franchetti, São Paulo: Editora Ensaio, 1989. (Caderno Ensaio, formato pequeno, v. 4).

Recebido em: 14/12/2017

Aceito em: 24/05/2018